

Como China mantém comida barata e garante abastecimento

Category: ECONOMIA,GERAL,MUNDO

escrito por Maria Luiza | 6 de maio de 2026



Por décadas, a China carregou o peso de um fantasma coletivo: a fome. Entre 1959 e 1962, uma das maiores crises alimentares da história matou dezenas de milhões de pessoas no país. Mais de meio século depois, o trauma virou política de Estado. Hoje, alimentar a população deixou de ser apenas uma atividade econômica e passou a ser tratada como questão de segurança nacional.

O resultado aparece nas ruas de Xangai. Em um dos bairros mais caros da cidade – uma espécie de “Leblon chinês” – pequenas barracas de frutas, ovos, legumes e peixes vivos dividem espaço com prédios de luxo. A aparência simples engana. Os aluguéis desses pontos são subsidiados pelo governo para garantir que comida fresca e barata esteja sempre perto da casa das pessoas.

A lógica é clara: se o acesso for fácil, o preço cai. E cai mesmo. Uma dúzia de ovos custa o equivalente a R\$ 4,75. O quilo do arroz, cerca de R\$ 5. O tomate sai pelo mesmo valor. Até o peixe fresco, comprado vivo nos chamados “mercados molhados”, custa menos da metade do preço praticado no Brasil e nos Estados Unidos.

Nada disso é acaso. A China construiu um sistema em que a

comida é pensada do campo ao prato – com planejamento central, subsídios direcionados e controle indireto de preços.

Cidades desenhadas para produzir comida

Na China, toda a terra pertence ao Estado. Isso permite decisões que seriam impensáveis em outros países. Em Xangai, por exemplo, o governo determinou que cerca de 20% da área urbana deve ser destinada à produção agrícola. Fazendas, estufas e centros de cultivo dividem espaço com arranha-céus em uma das maiores metrópoles do mundo.

Essas áreas são preparadas pelo governo e alugadas a empresários interessados em produzir alimentos. Quanto mais inovação, maior o incentivo. Cada vegetal novo cultivado localmente rende subsídio. Cada tecnologia incorporada – sensores, painéis de controle, uso de dados – abre acesso a novos apoios estatais.

O objetivo é reduzir a distância entre produção e consumo. O alimento sai da terra direto para a geladeira do consumidor, muitas vezes sem intermediários. Caminhões que transportam comida não pagam pedágio. Em alguns casos, a entrega já é feita por drones.

Com menos etapas na cadeia, o preço final diminui.

Subsídio no campo, na cidade e na logística

A estratégia não se limita às áreas urbanas. No campo, o Estado subsidia desde fertilizantes até tecnologia agrícola. Drones sobrevoam plantações espalhando insumos. Robôs auxiliam na colheita. Estufas inteligentes monitoram oxigênio, gás carbônico e irrigação em tempo real.

Apesar de ter apenas cerca de 10% das terras agricultáveis do planeta, a China precisa alimentar quase 20% da população

mundial. Hoje, pela primeira vez na história, o país afirma conseguir fazer isso com segurança alimentar.

Esse equilíbrio só é possível porque o governo atua como garantidor do sistema. Em 2024, a colheita chinesa de grãos bateu recorde histórico, com cerca de 700 milhões de toneladas. Mais da metade dessa produção é comprada pelo próprio Estado, formando estoques reguladores.

Estoques para domar os preços

Essas reservas funcionam como um amortecedor contra crises. Quando o preço de um alimento cai demais e ameaça a renda do produtor, o governo compra. Quando sobe demais e pesa no bolso do consumidor, o governo vende.

Há até um sistema nacional que monitora a relação entre o preço do arroz e o da carne suína, base da dieta chinesa. Se o valor do porco cai muito em relação ao arroz, o Estado entra no mercado como comprador. Se sobe demais, aumenta a oferta. Mais produto disponível significa preço menor.

A China hoje tem trigo suficiente para alimentar toda a população por cerca de um ano. Para Pequim, esse estoque é tão estratégico quanto petróleo ou tecnologia.

Responsabilidade política pela comida

O modelo também cria responsabilidades claras. Governadores de província respondem pela segurança do arroz. Prefeitos, pela oferta de vegetais. São metas simbólicas, mas que deixam explícito: garantir comida não é tarefa abstrata, é dever político.

Além disso, os dados coletados em feiras, mercados e até pequenas barracas – muitas já operando com pagamentos digitais – alimentam sistemas que permitem ao governo saber, em tempo real, quanto custa um tomate em diferentes regiões do país.

Um contraste com o Ocidente

O sistema chinês contrasta fortemente com o dos Estados Unidos. Lá, milhões vivem nos chamados “desertos alimentares”, regiões onde não há acesso fácil a comida fresca. Supermercados são dominados por produtos ultraprocessados, e o preço dos alimentos virou tema central do debate político.

Enquanto americanos e brasileiros atuam principalmente na ponta do consumo, com programas de transferência de renda para quem não consegue comprar comida, a China aposta em intervir diretamente na estrutura da produção e da distribuição.

Fonte: g1 e Publicado Por: Jornal Folha do Progresso
06/05/2026/07:08:41

O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do Progresso](#) pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a [receber as notícias](#) do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de

pauta enviar no e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com.

Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](tel:5511984046835)– (93) 98117 7649.

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

*Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](tel:5511984046835) (Claro)
-Site: www.folhadoprogresso.com.br e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com/ou e-mail: adeciopiran.blog@gmail.com*

[Por que os criadores de conteúdo precisam humanizar o texto gerado por IA para manter o tráfego orgânico?](#)